



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE UNIDADE ACADÊMICA DE
PSICOLOGIA

**OFICINA DE CRIATIVIDADE COMO RECURSO PARA PERMANÊNCIA:
UMA PESQUISA-AÇÃO COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

MONALISA PEIXOTO SOARES

CAMPINA GRANDE

2018

MONALISA PEIXOTO SOARES

**OFICINA DE CRIATIVIDADE COMO RECURSO PARA PERMANÊNCIA:
UMA PESQUISA-AÇÃO COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Campina Grande, em cumprimento às
exigências para obtenção do título de
bacharel em Psicologia, sob orientação da
Professora Dr^a Virginia Teles Carneiro.

CAMPINA GRANDE

2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”, CCBS - UFCG**

S676o

Soares, Monalisa Peixoto.

Oficina de criatividade como recurso para permanência: uma pesquisa-ação com
estudantes universitários / Monalisa Peixoto Soares. – Campina Grande, PB: O autor,
2018.

32 f. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Virgínia Teles Carneiro, Dra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade
Federal de Campina Grande, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Afiliação. 2. Ensino Superior. 3. Psicologia. I. Carneiro, Virgínia Teles.
(Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9 (813.3)

MONALISA PEIXOTO SOARES

**OFICINA DE CRIATIVIDADE COMO RECURSO PARA PERMANÊNCIA:
UMA PESQUISA-AÇÃO COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

APROVADO EM: 16 / 03 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Virginia Teles Carneiro

Professora Dra. Virginia Teles Carneiro (UFCG)

Orientadora

Maristela de Melo Moraes

Professora Dra. Maristela de Melo Moraes (UFCG)

Examinadora

Flávio Lúcio Almeida Lima

Professor Dr. Flávio Lúcio Almeida Lima (UFCG)

Examinador

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela vida e pela con(vocação) para a Psicologia. São 5 anos de experiências únicas, pelas quais não poderia passar sem a Sua graça.

A minha família, Simone, Genilson e Larissa, por investirem (tempo, dinheiro e afeto) nesse sonho e pelo amor incondicional. Aos meus líderes, Marcos, Kelly e Taisa, por apostarem no meu potencial, compreenderem minhas ausências e continuarem me apoiando.

A Virginia, grande responsável pela minha permanência, por ser a professora, orientadora e supervisora mais presente, completa e sensível que eu poderia ter. Obrigada por me permitir lhe acompanhar nesse caminho e pela liberdade de ir construindo o meu.

Agradeço a todos e todas estudantes que se dispuseram a participar das pesquisas e a compor o Grupo Vida Universitária: promovendo a permanência. Ao Grupo de Pesquisa por todos os aprendizados ao longo desses 4 anos, em especial, Maria e Sâmmia.

Aos funcionários do CCBS, por fazerem desse lugar familiar pra mim. Aos professores e professoras, por cada incentivo e puxão de orelha, por não barrarem meu entusiasmo e por me acolherem nos momentos de desânimo e desespero. Aline Nunes, Betânia, Edmundo, Eduardo Breno, Felipe, Flávia, Gabriela, Lilian, Maristela, Roniere, Suenny, Tiago e Valquiria, vocês fizeram a diferença na minha formação. Muito obrigada!

Agradeço às minhas pessoas preferidas: Lorrane, por ser Lorrane fazendo lorrances em minha vida desde 2013. Patrício, pela escuta e pelos gritos. Paolla, por ser uma rommate-irmã. Janelson, por permanecer comigo na calma e no aperreio. E por fim, à 6ª série, pelas dores e alegrias compartilhadas ao longo desses 10 períodos. Sonho que se sonha junto é realidade!

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso deriva de uma Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) e será apresentado no formato de **Artigo**, organizado de acordo com as instruções normativas da revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, que traz as seguintes orientações (http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/about/submissions#onlineSubmissions). A Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais aceitará contribuições nas seguintes categorias:

1. **Artigos:** incluem relatos de pesquisa, relatos de experiências profissionais, ensaios teóricos e revisões críticas de literatura. Limitados a 25 páginas, incluindo páginas de rosto, resumos, referências, tabelas e figuras.

Apresentação de trabalhos

- 1) Serão aceitos trabalhos em português, espanhol, francês ou inglês, desde que adequadamente revisados.
- 2) Os originais deverão ser apresentados em espaço duplo, Times New Roman, tamanho da fonte 12, parágrafos de 1,25 cm, nos limites de páginas para cada categoria.
- 3) Margens: 2,5 cm em todos os lados (superior, inferior, esquerda e direita).
- 4) Os subtítulos referentes às seções do artigo (introdução, metodologia, resultados, etc.) devem vir em negrito, com maiúscula apenas na primeira letra. Exemplo: Considerações finais.
- 5) Folha de rosto, resumos, tabelas, figuras, ilustrações e referências contam na numeração das páginas.
- 6) Todos os originais devem vir acompanhados de uma folha de rosto despersonalizada, com títulos em português, inglês e espanhol centralizados, em negrito, em fonte Times New Roman, tamanho 14.
- 7) O resumo deve conter a principal questão, pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos, conclusões e implicações relevantes do trabalho. As palavras Resumo, Abstract e Resumen devem estar centralizadas, em negrito, fonte Times New Roman, tamanho 12. Os resumos não deve exceder 150 palavras e é dispensável nas categorias de 3 a 7. Devem estar justificados com espaçamento simples, em fonte Times New Roman, tamanho 11, com espaço de um parágrafo entre eles.
- 8) Palavras-chave, Keywords, Palabras-clave devem estar em negrito, fonte Times New Roman, tamanho 11, com 3 a 5 palavras-chave para indexação do trabalho, separadas por ponto e vírgula.
- 9) Todas as páginas, começando da página inicial do trabalho, devem ser consecutivamente numeradas.

Formatação dos trabalhos

Os trabalhos devem ser formatados seguindo as normas da American Psychological Association (APA).

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
PERCURSO METODOLÓGICO.....	12
INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

OFICINA DE CRIATIVIDADE COMO RECURSO PARA PERMANÊNCIA: UMA PESQUISA-AÇÃO COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

RESUMO

A entrada na universidade provoca rupturas na vida afetiva, familiar e acadêmica dos estudantes. Pesquisas realizadas nos últimos três anos sobre aspectos da afiliação estudantil apontaram para a necessidade de uma intervenção. O estudo se orientou pela metodologia da pesquisa-ação, a partir da criação de um grupo de apoio acadêmico, utilizando a Oficina de Criatividade como ferramenta de intervenção e entrevistas semiestruturadas para avaliação do grupo. Os resultados obtidos através da Análise Temática, geraram temas e categorias que revelaram ameaças à afiliação, bem como denotaram a oficina como facilitadora para permanência. O grupo foi descrito como local de acolhimento, escuta e autonomia, permitindo expressão subjetiva, percepção do coletivo e incentivo à afiliação. Conclui-se que o grupo de apoio é uma ferramenta necessária para as políticas institucionais de assistência estudantil. Foi possível observar a relevância da pesquisa-ação e das oficinas para um aprofundamento nas formas de intervenção junto aos estudantes.

Palavras-chave: Grupo de Apoio; Afiliação; Ensino Superior; Psicologia.

ABSTRACT

The entrance in the university causes ruptures in the affective, familiar and academic life. Initiation researches in the last three years about aspects of affiliation pointed to the need for an intervention. The research was guided by the action-research methodology, from the creation of an academic support group, using Creativity Workshops as an intervention tool and semistructured interviews for group evaluation. The results obtained through the Thematic Analysis, generated themes and categories that revealed threats to the affiliation, as well as denoting the workshop workshop as a facilitator for permanence. The group was described as a place of welcome, listening and autonomy, allowing subjective expression, perception of collective and incentive to affiliation. It is concluded that the support group is a necessary tool for the institutional politics of student assistance. It was possible to observe the relevance of action-research and workshops for a deepening of the forms of intervention with the students.

Keywords: Support group; Affiliation; Higher Education; Psychology.

RESUMEN

La entrada en la universidad provoca rupturas en la vida afectiva, familiar y académica. Las investigaciones de iniciación científica realizadas en los últimos tres años sobre aspectos de la afiliación apunta a la necesidad de una intervención. La investigación se orientó por la metodología de la investigación-acción, a partir de la creación de un grupo de apoyo académico, utilizando los Talleres de Creatividad como herramienta de intervención y entrevistas semiestruturadas para evaluación del grupo. Los resultados obtenidos a través del Análisis Temático, generaron temas y categorías que revelaron amenazas a la afiliación, así como denotaron el taller como facilitador de permanencia. El grupo fue descrito como lugar de acogida, escucha y autonomía, permitiendo expresión subjetiva, percepción del colectivo e incentivo a la afiliación. Se concluye que el grupo de apoyo es una herramienta necesaria para las políticas institucionales de asistencia estudiantil. Fue posible observar la relevancia de la investigación-acción y de los talleres para una profundización en las formas de intervención junto a los estudiantes.

Palabras-clave: Grupo de apoyo; Afiliação; Educación superior; Psicología.

Considerações iniciais

O ingresso na universidade provoca mudanças significativas na vida do aluno, uma vez que se faz necessário aprender a lidar com um contexto diferente da vida escolar. Ocorrem rupturas tanto relacionadas à vida afetiva, no sentido psicopedagógico, entrada na vida adulta, como a eventual saída da casa dos pais, mudança de cidade, nas relações com professores e com as regras do saber. Coulon (2008, p. 31) argumenta que “o problema não é entrar na universidade, mas continuar nela”. A premissa do autor é que a afiliação é a condição básica para a permanência, ou seja, o processo de adaptação do estudante à universidade de forma satisfatória é que o leva à conclusão do curso. O contrário disso seria o fracasso, a evasão, a desistência da universidade.

Através de pesquisas de iniciação científica que investigaram aspectos da afiliação nos últimos três anos, com alunos de diferentes cursos, foram encontrados resultados que apontaram para a necessidade de uma intervenção junto a esse público. Os temas dos estudos anteriormente citados abordam: a importância da assistência estudantil, as trajetórias de estudantes de origem popular e a influência do estilo pedagógico dos professores. Em todos eles, através das entrevistas e observações, foi percebida a demanda para a criação de um espaço de aprendizagem em grupo e a troca de experiências, dúvidas e sentimentos. Desta forma, pensou-se na criação de um grupo de apoio acadêmico que pudesse ser facilitador para a permanência dos estudantes à universidade.

Como ferramenta metodológica, foi escolhida a Oficina de Criatividade, que se utiliza de recursos expressivos para criar um espaço de elaboração de experiência pessoal e coletiva. Considerada uma modalidade clínica de base fenomenológica, a oficina tem um caráter mais compreensivo do que explicativo e proporciona aos participantes um encontro consigo mesmo e com outros sentidos de sua experiência, através de técnicas não verbais (Cupertino, 2008).

Cupertino (2008) traz diversas aplicações da oficina com públicos distintos, seja com finalidade pedagógica ou terapêutica, com estudantes de ensino médio, graduação, profissionais, presidiários ou pacientes de hospitais psiquiátricos. Em todos estes, os recursos artísticos (visuais, cênicos e corporais) são ferramentas para ressignificar experiências e desenvolver ou fortalecer vínculos entre as pessoas. Além do mais, é uma forma de aprendizagem que se dá para além da via racional, onde os sentidos vão sendo construídos gradativamente.

É importante ressaltar que em cada Oficina é trabalhado um tema, com começo, meio e fim, tendo a duração aproximada de duas horas. Os temas escolhidos, pertinentes à vida universitária, permitem a reflexão sobre opções, escolhas, condições de vida e diferentes caminhos pessoais e profissionais dos participantes. De acordo com Cupertino (2001; 2008), a vivência grupal favorece a discussão de problemas comuns enfrentados no cotidiano, permitindo o suporte emocional e a articulação política. Dentro do contexto da universidade, a oficina de criatividade se configura como uma ferramenta potencializadora, uma vez que proporciona um espaço de escuta aos estudantes e pode despertar outros sentidos para sua trajetória acadêmica, promovendo assim a afiliação, e, conseqüentemente, a permanência.

Esse espaço tem se tornado cada vez mais necessário no ambiente acadêmico, pois diversas pesquisas vêm sendo desenvolvidas acerca do sofrimento psíquico em estudantes. Em estudo realizado com estudantes de Psicologia, alguns fatores associados ao sofrimento envolvem a situação econômica, a iniciação e cultivo de laços sociais frente ao risco de ruptura de vínculos, a mudança de cidade, a inserção institucional e até a formação de identidade (Andrade, Tiraboschi, Antunes, Viana, Zanoto, & Curilla, 2016).

Investigando a respeito da depressão em estudantes universitários, Bolsoni-Silva & Loureiro (2016) destacam que a prevalência em estudantes de medicina é de 40,5%, um valor

considerável, comparado às pesquisas internacionais, onde a taxa varia de 27,5% e 34,1%. Ao aplicar o Inventário de Depressão de Beck (BDI) com 199 estudantes de medicina, Cybulski e Mansani (2017) observaram que aproximadamente 67% dos alunos encontravam-se em um nível de estresse alto e a prevalência de depressão foi de 44%, superando os dados citados no estudo anterior.

A baixa frequência das atividades de lazer, o estresse, a insatisfação com o desempenho acadêmico e a falta de apoio emocional no ambiente acadêmico foram alguns fatores de risco associados à depressão (Cybulski & Mansani, 2017). Outra pesquisa realizada com alunos de medicina destaca que o ambiente de competitividade, os currículos densos, os modelos de ensino diferentes do ensino médio e a pressão em relação ao tempo ocasionam altos níveis de sofrimento (Andrade, Sampaio, Farias, Melo, Sousa, Mendonça, Moura Filho, & Cidrão, 2014).

Além da depressão, outra queixa bastante frequente no ambiente universitário é a ansiedade. Em uma pesquisa realizada com 810 alunos, Chaves, Iunes, Moura, Carvalho, Silva e Carvalho (2015) identificaram que a maioria dos estudantes da área da saúde apresentou níveis moderados e altos de ansiedade traço (91,5%) e estado (92,9%). 73,9% dos entrevistados apresentavam algum desconforto físico ou psicológico, evidenciados em forma de dificuldades de concentração, tensão muscular, distúrbio do sono, fadiga, dor abdominal e tremores.

Todos os artigos citados anteriormente destacam a necessidade de intervenções em nível de apoio psicológico aos estudantes, para que concluam sua formação com qualidade e previnam transtornos, seja através de estratégias de apoio e prevenção da ansiedade (Chaves et. al., 2015) ou programas que minimizem os riscos de depressão grave e suicídio e ampliem habilidades sociais (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2016). Porém, são escassas as publicações a respeito da realização de grupos com estudantes universitários.

Em um levantamento realizado na base de dados ScieLo, identificamos apenas presença de grupos com finalidade pedagógica ou científica, como é o caso do grupo focal realizado por Perosa e Pedro (2009) que buscava conhecer a visão de estudantes sobre a paternidade ou o grupo realizado com discentes de Enfermagem para auxiliar na transição do ciclo teórico para o prático do curso (Scherer, Scherer & Carvalho, 2007), que posteriormente teve efeito terapêutico. Assim, o presente estudo também foi desenvolvido para suprir uma lacuna nas produções científicas a respeito de trabalhos em grupo com este público.

Percurso metodológico

A pesquisa se orientou pela metodologia da pesquisa-ação, modalidade científica de trabalho que lida com grupos ou instituições, tem um aspecto sócio-político e é indicada para a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e participantes se relacionam de modo cooperativo e participativo (Thiollent, 2011). O autor coloca que um dos objetivos não é somente solucionar um problema, mas também aumentar o nível de consciência sobre ele por parte dos grupos.

Nesta pesquisa se considera a participação do público-alvo imprescindível para refletir sobre soluções de problemas voltados para a afiliação à universidade. Por envolver o tema vida universitária, e o grupo de pesquisa ser formado também por estudantes de graduação, existe uma implicação das experiências entre pesquisadores e participantes do grupo, o que gera a resignificação das situações vivenciadas em ambos os lados.

A pesquisa-ação é um método amplo que agrega várias técnicas de pesquisa social. Nesta pesquisa, optou-se pela observação participante e pela entrevista semiestruturada. A observação participante pode ser definida como o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com um grupo com o objetivo

de desenvolver um entendimento científico daquela situação (Lapassade, 2005). Foram feitas observações em cada encontro grupal, sendo utilizado um diário de campo para registro dos dados, ferramenta pertinente ao processo de construção da pesquisa por ser possível nele abrigar tanto o percurso teórico e metodológico do estudo, como impressões sobre o grupo.

Para formar o grupo, a estratégia adotada para divulgação foi a publicação de um cartaz (que explicava o propósito do grupo e os temas que seriam abordados), de forma online e presencial, sendo distribuídos pelos pontos mais visitados da UFCG (Restaurante Universitário, Murais, Portão de entrada, entre outros). Como havia um número limitado de vagas (15 participantes), foi criado um formulário online (perguntando o nome, curso, período, motivo que procurou o grupo) para fazer uma seleção dos participantes, excluindo-se alunos de outras instituições e a comunidade externa.

No total, 21 pessoas se inscreveram, 15 foram selecionadas, algumas desistiram e 3 foram remanejadas da lista de espera. As Oficinas foram realizadas no Serviço de Psicologia da UFCG, semanalmente, durante dois meses e contou com a participação de 09 estudantes, sendo que a média de público nos encontros era de 07 participantes. Os temas trabalhados foram negociados em conjunto, a partir da leitura teórica das pesquisadoras e da experiência dos alunos. Após a realização da etapa das oficinas, foram realizadas entrevistas individuais, que tinham como objetivo compreender a ótica de cada participante acerca de todo o processo grupal, bem como acolher sugestões para futuras edições.

A entrevista foi escolhida por ser não apenas uma forma de coleta de dados, mas também uma situação de interação. Como afirma Minayo (2000, p. 109), a entrevista é um instrumento privilegiado de coleta de informações do sujeito, tendo em vista que a fala pode revelar “condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos” e também mostra as construções de grupos em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas. Para

agregar a totalidade do discurso, foi utilizado um gravador de áudio para registrar a fala dos participantes e as entrevistas foram transcritas na íntegra.

Para a interpretação dos dados, foi escolhida a Análise Temática (Minayo, 2000), que consiste na codificação, categorização, agrupamento temático e interpretação de maneira mais ampla, através da descoberta dos núcleos de sentido, na qual a presença ou frequência signifiquem algo para o objeto analítico visado. Sob a perspectiva hermenêutica-dialética, sugerida pela mesma autora, o trabalho fundamental é articular o discurso ao contexto histórico em que foi produzido e capturar o debate presente nas diversas falas dos participantes.

Como se trata de uma pesquisa envolvendo seres humanos, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, atendendo à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e obteve parecer favorável (CAE: 56586916.4.0000.5182). A participação na pesquisa foi voluntária e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no primeiro encontro. Os nomes dos participantes são fictícios para preservar suas identidades.

Interpretação dos dados

Inicialmente, faremos um breve relato das oficinas de criatividade, para em seguida apresentar os temas e categorias criadas a partir das entrevistas. As oficinas foram planejadas dentro do grupo de pesquisa conforme as demandas do grupo, identificadas previamente na oficina de abertura. O roteiro e os recursos foram ferramentas pensadas para discutir determinado tema, mas sempre flexíveis a modificações de acordo com o desempenho do grupo no dia, uma vez que, a dinâmica e a frequência dos participantes era variável.

Tabela 1. Temas e respectivos planejamentos das Oficinas de Criatividade.

Tema	Planejamento
Medos e ansiedade	Aquecimento: definição de medo e ansiedade; fantasia dirigida para facilitar o contato com medos e ansiedades de cada um. Desenvolvimento: uso da argila para dar forma aos medos e ansiedades visualizados. Fechamento: cartão em que pudessem escrever algo que sintetizasse o encontro.
Autoestima	Aquecimento: caminhar pela sala e observar uma exposição com impressões de pinturas, fotos e poemas relativos ao autorretrato e também alguns espelhos. Desenvolvimento: desenho de si mesmo com nomeação da obra. Fechamento: fixar os desenhos na parede e definir coletivamente um título para a exposição.
Vida financeira	Aquecimento: exibição de um vídeo bem humorado sobre as dificuldades financeiras dos estudantes universitários. Desenvolvimento: participação num jogo de tabuleiro contendo despesas comuns, com objetivo de chegar até o fim do jogo com uma quantia de dinheiro fictício distribuído para todos. Durante o jogo era discutido como a relação com dinheiro pode interferir na permanência. Fechamento: reflexão sobre valor e dinheiro.
Relacionamentos na e com a universidade	Aquecimento: relato por escrito de situações nas quais as relações favoreceram e dificultaram a permanência. Desenvolvimento: divisão em dois grupos, a partir dos quais os participantes dramatizaram cenas do cotidiano descritos nos relatos dos outros participantes. Fechamento: através do novelo de linha, refletir sobre o significado da palavra “rede” e como eles podem contribuir para uma construção de rede de vínculos.
Retrospectiva	Aquecimento: observar fotos das oficinas anteriores e escolher algumas que trouxessem lembranças importantes. Desenvolvimento: foram disponibilizados papel, lápis coloridos, giz de cera, tesoura, cola e massa de modelar. Solicitamos que representassem o significado da participação deles nas Oficinas com os recursos que quisessem. Fechamento: construção de um mural coletivo que sintetizasse a participação de todos nos seis encontros.

É importante destacar que ao término de cada atividade era aberto um momento para discussão, onde os participantes poderiam comentar a respeito de sua produção e trocar experiências com os demais. A presença das facilitadoras se dava em termos de suporte, pois no decorrer das oficinas os estudantes se tornaram um grupo, ou seja, começaram a identificarem-se uns com os outros e a construir um vínculo de confiança entre si. Sobre isso, Lima e Cervený (2012) explicam que o psicólogo enquanto um facilitador ocupa a posição de

favorecer a emergência de um contexto que permita construir coletivamente uma solução, legitimando todos os saberes e também sabendo lidar com os imprevistos que se apresentem.

Após leitura das transcrições, retorno aos objetivos iniciais e diálogo com a literatura, formulamos três temas: **ameaças à afiliação; oficina: espaço para promover permanência e reverberações.**

1. Ameaças à Afiliação

O sociólogo Alain Coulon (2008), explica que o desejo de abandonar a universidade pode ocorrer quando vínculos ainda frágeis são desfeitos e, na maioria das vezes, os estudantes não expressam quando estão a ponto de abandonar. Para o autor, é necessário identificar as estratégias locais e utilizá-las para construir uma nova identidade e integrar-se ao grupo (ou à instituição). Seja por questões familiares, falta de amizades, de adaptação à nova cidade ou a dificuldade com o novo modelo pedagógico, as rupturas são características-chave que ameaçam a afiliação. Dentro deste tema, apontamos como categoria principal o **sofrimento**, que pode ser evidenciado em outras quatro sub-categorias: a) **sobrecarga e rotina**, b) **competitividade**, c) **medos e ansiedade** e d) **experiências de frustração**.

Falar de **sobrecarga e rotina** é quase inevitável quando se estuda vida universitária, pois ao longo da graduação são propostas atividades que desafiam a percepção do estudante sobre sua própria capacidade de administrar seu tempo e suas obrigações. Como um dos participantes relata: *“a academia em si de certa forma coloca você muito pra baixo, nada que você faça é bom o suficiente...”* (Ben). Além do volume de conteúdo, há também uma ruptura pedagógica que cria uma nova rotina e ameaça a afiliação, como destaca o participante Cazuzu: *“é outro modo de se estudar, é outro modo de fazer trabalho, fazer provas (...) você acaba tendo medo de desistir... não sabe como conciliar isso, a vida acadêmica com a vida social”*.

Ou ainda, que se torna tão intensa ao ponto de provocar o sentimento de esgotamento e despersonalização.

“Você tem que administrar as coisas da sua família, as coisas que tão acontecendo com você e as coisas da universidade. E parece que as coisas da universidade não batem, não tem espaço pra você viver uma outra vida... Você entra na universidade e tem que ser tempo integral todo tempo, toda hora estudante.” (Gabi)

O segundo fator que gera sofrimento, relatado pelos estudantes ao longo das oficinas, é a **competitividade**. Presente de formas distintas nos cursos, pode aparecer como uma forma de tratamento hostil ou mesmo a omissão. No curso de Engenharia Elétrica, reconhecido na UFCG tanto pela qualidade como pela competitividade, uma estudante conta que há uma distinção acentuada entre alunos bloqueados (que conseguiram pagar todas as disciplinas conforme o fluxograma) e os desbloqueados (aqueles que reprovaram alguma matéria). *“As pessoas ficam o tempo todo tentando se esconder, pra se mostrar forte o tempo todo”* (Lola), explicando que existe uma regra implícita de não demonstrar as dificuldades acadêmicas para não ser considerado “fraco” pelos futuros colegas de profissão. O mesmo acontecia com Cazusa, estudante de Filosofia: *“isso meio que me desanimava... a concorrência, o individualismo, as questões de quem é mais inteligente e quem tira mais nota”*.

No contexto do curso de Medicina, uma participante conta que as turmas geralmente são individualistas e não compartilham materiais de estudo com alunos novatos. *“Chegou o momento de eu pedir ajuda no grupo, que tinha várias pessoas, e as pessoas simplesmente visualizavam e não respondiam. Tinha material que eu soube que esconderam...”* (Clara). Em um grupo desenvolvido por alunos de medicina para os ingressantes, Damiano, Santos, Pereira e Santos (2015) identificaram que há uma forte competitividade e sentimento de superioridade que estimula os alunos veteranos a exercerem práticas humilhantes como o trote com calouros.

Os autores destacam que “o apoio psicossocial ao estudante universitário é uma ação mais do que humanizadora, é emergencial para a saúde mental do estudante” (p. 308).

Escolhida pelos participantes como uma das oficinas mais importantes, as questões que envolvem **medos e ansiedades** geram bastante sofrimento aos alunos. Ao utilizarem o recurso expressivo da argila, os estudantes puderam materializar os sentimentos, posteriormente falar sobre eles e ter uma nova interpretação, como o estudante de filosofia: *“me deparei com o medo muito grande de fracasso e aí eu percebi que esse medo estava relacionado a baixa estima, e confiança em si mesmo e tudo mais”* (Cazuza). A estudante de engenharia elétrica coloca a ansiedade frente às avaliações e a insegurança quanto ao mercado de trabalho:

“a pessoa vem de fora pra estudar aqui na cidade, é ansiedade em relação a prova, em relação ao futuro porque quando você entra na vida universitária, é como você entrasse numa fase da sua vida que você não consegue enxergar que você realmente um dia vai conseguir estar trabalhando, você é uma pessoa quase adulta que não se sustenta ainda...” (Lola)

Esse é um medo frequente, principalmente entre os concluintes. Coulon aponta que o estudante profissional é “alguém que quer aprender a se tornar autônomo, toma conta de sua formação, a considera como uma prioridade absoluta e que adquire uma consciência que tudo isso é condição de sua afiliação” (Coulon, 2008, p. 145). Outras pesquisas também colocam que o momento de transição entre o papel de aluno e de profissional provoca ansiedades frente ao mercado de trabalho, podendo o aluno questionar-se sobre sua preparação, tendo também que administrar suas escolhas, o que em muitos casos torna-se fonte de desgaste e exaustão emocional (Tarnowski & Carlotto, 2007).

O início da vida universitária é acompanhado por modificações em diversas instâncias, como nas condições de existência e na vida afetiva, mas, principalmente, requer uma nova interpretação do tempo, do espaço e das regras do saber (Coulon, 2008). Com isso, ocorrem as

experiências de frustração. Alguns participantes procuraram o grupo por não saberem lidar com a realidade do curso comparado ao que imaginavam: *“às vezes eu me sinto muito perdida com o curso de psicologia eu não sei se realmente é o que eu vou levar pra minha vida. ”*

(Jade). Além do curso, Clara também expõe uma frustração nas relações interpessoais:

“A expectativa que você tem em relação a algum curso e quando você vê a realidade... e com relação a aprender a lidar com tudo isso. Com todas essas expectativas frustradas ou quebradas... (...) a gente vê de fato como são as pessoas, como é a vida, como são os amigos, a realidade dos professores e que se você quiser mudar alguma coisa mesmo, você tem que ir muito, muito atrás e sem a assertiva que vai fazer alguma diferença. ”

Estudos apontam que o sofrimento psíquico foi identificado como a motivação mais apresentada por estudantes de Medicina para trancamentos, o que já é um pontapé inicial para o abandono, corroborando com os relatos das entrevistas, uma vez que reconhece o sofrimento como multifatorial, decorrente da pressão do excesso de conteúdo e das novas relações estabelecidas a serem desenvolvidas na faculdade (Ribeiro, Cunha & Alvim, 2016). No mais, concordamos com Martins e Honório (2014), quando colocam que nem o sofrimento, nem as estratégias individuais e coletivas são patológicas, mas sim uma tentativa para o alcance da saúde. Faz-se fundamental compreender esse processo para criar intervenções na instituição.

2. Oficina: espaço para promover permanência

De acordo com Cupertino (2001), a principal função das oficinas de criatividade passa pela “possibilidade de experimentar, a partir de atividades que se apresentam como situações inesperadas, o que é diferente e desconhecido” (p. 207), criando um espaço para que os alunos vivenciem oportunidades de mudança de si mesmos. E mais do que isso: também é um encontro com a alteridade, com as lacunas e com as surpresas. No Grupo Vida Universitária não foi diferente. A partir das oficinas e da troca de experiência entre os participantes, foi sendo criado

um espaço de vínculo e identificação, favorecendo as seguintes ações, que conjuntamente contribuem para a permanência: uma **nova perspectiva dos problemas**; a **saída da solidão** e o **fortalecimento de vínculos**.

Uma **nova perspectiva dos problemas** surge através das vivências em grupo, gerando outras formas de reflexão a respeito de questões financeiras, pessoais e acadêmicas. Um estudante de Psicologia destaca que aprendeu no grupo a se preocupar menos com o curriculum lattes após repensar seus parâmetros de competitividade. Além disso, relata que mudou alguns hábitos: *“teve a questão do financeiro também que antes eu era mais mão aberta e agora eu estou gastando mais o necessário.”* (Ben). Uma participante conta que mudou sua forma de enfrentamento: *“eu percebi que tem coisas que realmente tem uma proporção muito grande, mas tem outras que dependendo do jeito que eu encare, que eu consiga administrar meu tempo, tinha como dar o seu jeito pra melhorar a situação”* (Gabi), posteriormente entendendo que as situações eram passageiras.

As diferentes perspectivas a respeito do desempenho acadêmico também aparecem nas entrevistas: *“a gente vai percebendo que cada um tem o seu ritmo (...) eu ficava afobada querendo fazer a prova, tentando estudar tudo e tirar uma nota boa... teve momentos que melhorou muito meu problema com ansiedade.”* (Clara). Uma estudante de engenharia elétrica conta que mudou a percepção sobre notas, sobre se preparar para as provas e saber respeitar o próprio tempo: *“tem um jeito, tem uma saída, tem como lidar com isso, outras pessoas e várias pessoas lidam com isso também...”* (Lola). Por fim, um estudante de Filosofia destaca que redescobriu um potencial: *“depois do grupo vi que às vezes é preciso você reconhecer que você perdeu e que você vai ter outras oportunidades e que você é capaz também”* (Cazuza). Foi possível ver no relato do outro a oportunidade de crescer e se superar, não só em nível acadêmico, como também subjetivamente.

De acordo com Carneiro e Sampaio (2013), a expansão do Ensino Superior provoca mudanças no itinerário de muitos jovens, e nesse processo de formação ocorrem mudanças no plano individual, familiar e social. Ao entrar em contato com a diversidade e com histórias de vidas completamente diferentes, os estudantes podem refletir sobre qual lugar ocupam na instituição e também visualizar novos rumos para suas trajetórias acadêmicas. Deste modo, a oficina possibilita um encontro de realidades que se misturam e se reconstróem, auxiliando aos estudantes a desenvolverem novas estratégias de permanência.

A entrada na universidade opera uma dispersão do círculo de amizades e aqueles menos preparados sofrem muito, seja pela falta de conversas íntimas ou pela superficialidade do grupo-classe (Coulon, 2008). Em meio a diversos estranhamentos, a vida universitária muitas vezes vai sendo trilhada de forma muito individual, apesar de ser também coletiva. Sobre esse aspecto, foi possível identificar que o grupo promoveu uma **saída da solidão**, isto é, ao ter contato com outros estudantes que passavam por situações semelhantes, os participantes demonstraram maior confiança dentro do grupo. *“Você sempre sabe que todo mundo passa por situações semelhantes, mas no grupo você percebe que tem muita gente numa situação bem ruim, que nós seríamos mais fortes se todo mundo tivesse junto”* (Clara), ou ainda, perceber que estão *“todos no mesmo barco”*, como diz Ana.

A saída da solidão também facilita a expressão: *“Você vê alguém falando isso e sentindo, conseguindo compartilhar essa dor, sofrimento alegria, tudo.”* (Jade). Em contraste ao clima de competitividade do seu curso, Lola fala que se sentia aberta: *“de ninguém estar me julgando, de ninguém achar que eu tô tirando nota boa ou tô tirando nota baixa... era um lugar que as pessoas podiam me escutar”*. A participante Frida também coloca o medo de compartilhar “fraquezas acadêmicas” na presença de possíveis futuros colegas de trabalho, mas vendo o potencial do grupo, decidiu falar abertamente. O alívio vem não apenas pelo falar de si, como também por ouvir o outro: *“o grupo me fez perceber que eu não estou mais sozinho,*

que existe mais pessoas com outras angústias (...) eu consegui falar mais, consegui tirar o peso” (Pedro). O sentimento de apoio, acolhimento e orientação também foi colocado por Gabi.

Diferente do discurso de alguns colegas de curso, que não dão a devida importância às queixas sobre a universidade, Cazuzza fala que encontrou um escape: *“as pessoas acham que você desiste muito facilmente, que você é pessimista, que o sistema é assim (...) e lá eu vi espaço, e nesse espaço eu vi a importância sobre essas questões, esses medos tem um fundamento e precisam ser bem geridos”*.

A passagem para a universidade implica em um afastamento da vida familiar, gerando ansiedade e também um distanciamento dos vínculos afetivos estabelecidos no ensino médio, como afirma Coulon (2008). Frente a esse novo contexto, deve ser desenvolvida a autonomia para constituir novos relacionamentos, compartilhar experiências e criar interpretações em conjunto com a realidade social, o que abre espaço para o momento de adaptação. Aqueles estudantes que de certa forma acabam se isolando, tendem a abandonar a universidade sem maiores resistências. Assim, a saída da solidão e o tecer de uma nova rede de apoio se configura como um elemento importante para afiliação.

Por último, outra consequência das oficinas foi o **fortalecimento de vínculos**. Para Carneiro e Sampaio (2011), uma das principais formas de acessar informações que definem o cotidiano universitário consiste em estabelecer contatos na universidade, pois essas relações ampliam a compreensão acerca do funcionamento da instituição. À medida que os participantes foram estreitando os laços, também foi sendo criada uma rede solidária de apoio mútuo, gerando mudanças.

“Eu comecei de um jeito e terminei de outro por que a gente de certa forma foi criando vínculo e se fortalecendo um com as situações dos outros”, destaca um estudante de Psicologia, que posteriormente criou um vínculo de amizade com um participante que cursava Filosofia.

Cazuza coloca que ao compartilhar seus problemas com o grupo, e percebendo que não eram apenas seus, suas inseguranças foram diminuindo. No último encontro, ele representou no papel que o grupo se tornou uma teia colorida que ultrapassava os limites da folha, onde as vidas se entrecruzavam também fora do espaço do grupo. As participantes Lola e Gabi descobriram que moravam próximo e passaram a ter um vínculo além dos encontros semanais.

É válido ressaltar esses aspectos, pois a afiliação não é apenas um processo de apreensão de conceitos e práticas intelectuais e institucionais, mas também um processo que envolve fatores emocionais. Para Leavy (2011) citado por Nery (2011), a vinculação está associada aos sentidos atribuídos as interações sociais, bem como às respostas emotivas, positivas ou negativas, seja entre grupos ou entre indivíduos. Essas interações possibilitam a construção de relacionamentos, sejam significativos ou com pouco impacto na vida da pessoa. O fortalecimento de vínculos vem, então, contribuir na afiliação emocional, onde o estudante sabe que apesar dos custos de estudar, das dificuldades e sofrimentos, dividir esse ambiente com amigos traz estabilidade emocional e fortalece a permanência.

3. Reverberações

O termo "reverberar" vem da física, mais especificamente dos estudos da acústica, e pode ser compreendido como persistência de um som depois de ter sido extinta sua emissão. Utilizando essa metáfora, tal como a pedra que jogada na água e provoca ondas, foi possível observar alguns efeitos posteriores ao grupo de apoio, afetando a esfera pessoal, acadêmica e social. As categorias a seguir exemplificam as ações: **nova perspectiva de si, participação mais ativa na universidade e visibilidade em outros espaços da UFCG.**

As oficinas se constituem um campo para convivência das diferenças que traz o desafio de mobilizar-se para o outro sem reduzi-lo a si mesmo, proporcionando uma troca de

experiências. Além disso, é também um espaço de interromper as rotinas, de olhar de uma forma diferente para o familiar e assim romper o hábito (Cupertino, 2001). Através dos recursos expressivos os participantes puderam entrar em contato consigo mesmos, gerando uma **nova perspectiva de si**. *“Eu acho que eu comecei a me ver (...) eu não conseguia tá me representando, agora eu acredito que eu consigo”*, disse um estudante de Psicologia, que foi gradativamente se fazendo mais presente ao longo das discussões no grupo. Outra integrante do grupo passa a se ver de forma mais autônoma: *“Como se eu tivesse chegado aqui como um passarinho que não soubesse voar ainda, mas eu tinha as asas... os encontros foram me ensinando como utilizar minhas asas”* (Ana). Algumas questões relacionadas à autoestima também foram apontadas: *“mudou a questão da autoestima de eu não achar que sou burra (...) que depois que eu cair eu tenho um dia pra ficar no chão e depois eu me levanto, e começo a lutar de novo”* (Lola).

Outra visão de si deu a Jade a oportunidade de vislumbrar possibilidades dentro do seu percurso acadêmico: *“a questão de se visualizar foi importante pra mim porque eu não sabia como me ver dentro da universidade (...) eu vi vários caminhos que eu poderia seguir e qualquer um deles ia dar certo”*. Um estudante de Psicologia, que por diversas vezes falava da sua dificuldade por estar “desbloqueado”, cursando disciplinas em várias turmas, fala da diferença: *“De tanto falar, percebi que era meu sintoma... Hoje eu me sinto mais da universidade. Não tenho necessidade de falar sobre isso, foi como se esgotasse mesmo a água”* (Pedro).

Um estudo aponta que em um grupo realizado com estudantes de Psicologia, houve mudanças favoráveis nos processos pessoais, denotando um encontro consigo mesmo, uma mobilização subjetiva e uma apropriação de singularidade (Dourado, Quirino, Lima & Melo, 2016). Outras pesquisadoras que investigam os efeitos dos grupos colocam que o modo como os sentidos do problema e de si são negociados pelos participantes é o que cria o contexto

dialógico de conversação e atua como recurso terapêutico (Guanaes & Japur, 2008). Concluímos, então, que as oficinas promovem tanto a permanência na universidade como novas compreensões da existência humana.

A segunda reverberação do grupo foi uma participação mais ativa na universidade, onde os estudantes relatam mudanças no seu cotidiano, e também onde observamos um maior engajamento em atividades extra-curriculares. Uma estudante de Psicologia, que antes visualizava a universidade como uma *“carreira que se corre só”*, coloca na entrevista: *“Eu comecei a me abrir mais, a conversar com as pessoas... eu percebi que é importante a gente fazer esses laços positivos dentro da universidade, que é um apoio pra gente.”* (Gabi).

A respeito da própria formação, Jade nos conta que depois do grupo passou a pesquisar coisas da área que ela queria dentro do curso, o que poderia fazer e quais professores poderia procurar. Frida conta que após participar do grupo se sentiu estimulada e buscou processos seletivos, passando a integrar outros grupos na universidade (de pesquisa e extensão): *“foi como se eu tivesse recebendo uma recompensa e isso me impelisse a continuar”*.

Outros estudantes decidiram se engajar no movimento estudantil, auxiliando alunos novatos ou fomentando discussões relacionadas à temática em seu curso. De um estudante que se sentia alheio ao cotidiano da universidade por ter vindo de outra instituição e estar espalhado por várias turmas, Pedro agora integra o Centro Acadêmico e conta na entrevista: *“eu tô compartilhando informações com eles, tô passando como funciona a universidade”*. Além disso, também promove ações interdisciplinares com outros cursos.

Sobre concorrer às eleições do Centro Acadêmico, o participante de Filosofia, relata: *“as discussões que lá foram suscitadas elas também poderia ser levadas a outros lugares... o grupo me ajudou a organizar essas ideias, e ter coragem... eu tinha vontade, mas não tinha coragem.”* (Cazuza). Não apenas nos CA's, mas vários participantes do grupo se envolveram

com as questões de assistência, lutando contra o fechamento das Residências Universitárias e reivindicando a ampliação de auxílios financeiros.

Nesse aspecto, concordamos com Heringer (2015), quando esta coloca que o sucesso da democratização da universidade depende também do sucesso da permanência. Após os estudantes sentirem-se convocados a se colocar de forma mais ativa na universidade, pode-se concluir que há um maior compromisso e apropriação de suas vidas acadêmicas, indicando traços do “estudante profissional”, como defende Coulon (2008). Sobre as mudanças que acabaram surgindo, Aguiar Filho e Nassif (2006) apontam que ao fazerem parte de um determinado grupo, as pessoas são as responsáveis pelo seu crescimento e somente elas poderão ver sentido em suas ações. Quando o grupo mostra que está contribuindo para a melhoria dos processos institucionais, significa que há identificação, e que os conhecimentos construídos irão gerar retornos crescentes e continuados.

Por fim, observamos que o grupo ganhou **visibilidade em outros espaços da UFCG**. Através de parcerias com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, tivemos participação em uma reunião com residentes universitários, contribuindo com a compreensão do contexto de sofrimento e divulgando o Serviço de Psicologia aos presentes. Os participantes do grupo, em sua totalidade, contam que compartilharam experiências positivas com outros estudantes, sejam colegas de sala ou conhecidos de outros cursos. O grupo permitiu a algumas alunas a ter uma maior aproximação com outros serviços: *“a partir desses encontros, me deu oportunidade de conhecer a clínica melhor, que eu quase não vinha aqui”* (Ana).

A partir da experiência do grupo também começaram a ser pensadas políticas de assistência estudantil permanentes, no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Concordamos com a fala do estudante de Filosofia quando afirma que *“é importante ser contínuo, para que as pessoas tenham acesso e consigam uma orientação pra gerir seus pensamentos, suas ideias,*

sua vida e cotidiano” (Cazuza). Tal como um grupo desenvolvido com estudantes de medicina, o grupo de apoio para a permanência serviu como um local para que as pessoas questionassem seus sofrimentos, se unissem e se sentissem amparadas, ajudando-se mutuamente e permitindo expressar e valorizar medos, raivas e bons sentimentos (Damiano et. al., 2015).

Em linhas gerais, identificamos que a etapa das entrevistas foi de suma importância para o alcance do objetivo da pesquisa, pois divergente do trabalho de Pedrosa e Pedro (2009), onde não apareceram informações diferentes que acrescentassem aos assuntos expostos em grupo, os participantes revelaram perspectivas inéditas sobre os temas trabalhados.

De acordo com a opinião dos participantes, alguns fatores que podem aperfeiçoar o grupo são: torná-lo uma política permanente; ter um aumento do tempo, da pontualidade e da quantidade de encontros; a alteração da ordem das vivências, trazendo temas descontraídos no início; incluir questões familiares e trazer junto à oficina de medos e ansiedades algumas técnicas de enfrentamento.

Considerações finais

Após os resultados apresentados, foi possível observar a importância da pesquisa-ação para uma mudança de paradigma na academia e para um maior aprofundamento nas ferramentas de intervenção junto ao público dos estudantes universitários. Identificamos que a oficina de criatividade é um recurso versátil para trabalhar temas pertinentes aos alunos, contudo, destacamos como necessário o olhar da Psicologia (tendo como facilitadores estagiários ou professores), uma vez que mobilizar os afetos dos participantes requer uma escuta atenta e perspicaz para finalizar o encontro de forma adequada.

Reconhecemos ainda o desafio de exercer o equilíbrio entre omissão e militância junto ao grupo. Isto é, não reproduzir o discurso que o sofrimento é algo intrínseco à vida universitária

e que cada um deve buscar recursos pessoais para suportá-lo, ou seja, colocando toda a responsabilidade no indivíduo. Por outro lado, o grupo não tinha como objetivo incentivar o engajamento político dentro da UFCG, sendo esta, uma consequência possível, mas não previamente definida. Oferecemos um espaço de acolhimento, escuta e autonomia, que permitiu tanto a expressão dos sujeitos como uma melhor percepção do coletivo.

Por fim, apontamos a necessidade do desenvolvimento de grupos de apoio enquanto uma política de permanência institucional e sugerimos uma maior abrangência da assistência psicológica voltada para estudantes através de ações coletivas, e não apenas com a modalidade de psicoterapia individual. E ainda, estender o serviço para outros grupos não aprofundados neste trabalho, como docentes, servidores e técnicos, compreendendo que estes têm sua relevância na dinâmica da universidade e merecem cuidado integral.

Referências

- Aguiar Filho, A. S., & Nassif, M. E. (2016). O papel dos grupos de apoio e o compartilhamento da informação e do conhecimento nas avaliações das instituições de ensino superior privadas. *Perspect. ciênc. inf.*, 21(3), 182-203.
- Andrade, A. S., Tiraboschi, G. A., Antunes, N. A., Viana, P. V., Zanoto, P. A., & Curilla, R. T. (2016). Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia. *Psicol. cienc. prof.*, 36(4), 831-846.
- Andrade, J. B. C., Sampaio, J. J. C., Farias, L. M., Melo, L. P., Sousa, D. P., Mendonça, A. L. B., Moura Filho, F. F. A., & Cidrão, I. S. M. (2014). Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. *Rev. bras. educ. med.*, 38(2), 231-242.
- Bolsoni-Silva, Alessandra Turini, & Loureiro, Sonia Regina. (2016). O Impacto das em Habilidades Sociais para a Depressão Estudantes Universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4), Epub Jun 22, 2017.
- Carneiro, A., & Sampaio, S. M. R. (2011). Estudantes de origem popular e afiliação institucional. In: Sampaio, S. M. R. (Org.) *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos*. Salvador, BA: EDUFBA.
- Carneiro, V. T., & Sampaio, S. M. R. (2013). Transições entre a universidade e o mundo do trabalho: estratégias e expectativas de concluintes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo Baiano. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.) *Observatório da vida estudantil: Universidade, Responsabilidade Social e Juventude*. Salvador: EDUFBA.
- Chaves, E. C. L., Iunes, D. H., Moura, C. C., Carvalho, L. C., Silva, A. M., & Carvalho, E. C. (2015). Ansiedade e espiritualidade em estudantes universitários: um estudo transversal. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 68(3), 504-509.
- Cybulski, C. A., & Mansani, F. P. (2017). Análise da Depressão, dos Fatores de Risco para Sintomas Depressivos e do Uso de Antidepressivos entre Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(1), 92-101.

Coulon, A. (2008). *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA.

Cupertino, C. (2001). *Criação e formação: fenomenologia de uma oficina*. São Paulo: Arte & Ciência.

Cupertino, C. (2008). *Espaços de Criação em Psicologia: oficinas na prática*. São Paulo: Annablume.

Damiano, R. F., Santos, A. G., Pereira, A. M. D., & Santos, R. M. (2015). O Primeiro Ano do Grupo de Apoio ao Primeiranista. *Rev. bras. educ. med.*, 39(2), 302-309.

Dourado, A. M., Quirino, C. A., Almeida, M. B., & Melo, S. M. V. (2016). Experiências de estudantes de psicologia em oficinas de desenvolvimento da escuta. *Rev. abordagem gestalt.*, 22(2), 209-218.

Guanaes, C., & Japur, M. (2008). Contribuições da poética social à pesquisa em psicoterapia de grupo. *Estud. psicol. (Natal)*, 13(2), 117-124.

Heringer, R. (2015). "Organizando o pensamento": desafios da rotina acadêmica num curso de pedagogia. In: SAMPAIO, S. M. R. (Org.) *Observatório da Vida Estudantil: Avaliação e qualidade no ensino superior: Formar como e para que mundo?* Salvador: EDUFBA.

Lapassade, G. (2005). *As microssociologias*. Brasília: Liber Livro Editora.

Lima, M. J., & Cervený, C. M. O. (2012). A competência social do Psicólogo: estudo com profissionais que atuam em instituições. *Psicol. cienc. prof.*, 32(2), 284-303.

Martins, A. A. V., & Honorio, L. C. (2014). Prazer e sofrimento docente em uma instituição de ensino superior privada em Minas Gerais. *Organ. Soc.*, 21(68), 835-851.

Minayo, M. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO.

Nery, M. (2011). *O processo de afiliação emocional entre estudantes do programa Permanecer da UFBA*. Tese de Doutorado, Curso de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Perosa, C. T., & Pedro, E. N. R. Perspectivas de jovens universitários da Região Norte do Rio Grande do Sul em relação à paternidade. *Rev. esc. enferm. USP*, 43(2), 300-306.

Pinheiro, S. R. P. G. (2010). *A formação de grupo de apoio na escola: ferramenta para mudanças e transformações nas práticas educacionais*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Ribeiro, M. G. S., Cunha, C. F., & Alvim, C. G. (2016). Trancamentos de Matrícula no Curso de Medicina da UFMG: Sintomas de Sofrimento Psíquico. *Rev. bras. educ. med.*, 40(4), 583-590.

Scherer, Z. A. P., Scherer, E. A., & Carvalho, A. M. P. (2007). Group therapy with nursing students during the theory-practice transition. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 15(2), 214-223.

Tarnowski, M., & Carlotto, M. S. (2007). Síndrome de Burnout em estudantes de psicologia. *Temas psicol.*, 15(2), 173-180.

Thiollent, M. (2011). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 18 ed. São Paulo: Cortez.